

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA

Pedro Inácio Bassols



Clássicos da Literatura Infantil revisitados em **Shrek 2**.

Releitura de personagens.

Porto Alegre

1º Semestre

2010

Pedro Inácio Bassols

Clássicos da Literatura Infantil revisitados em *Shrek 2*.
Releituras de personagens.

Trabalho apresentado com o requisito parcial e obrigatório para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso e conclusão do curso de Letras – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profª Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Porto Alegre

1º Semestre

2010

RESUMO

Este trabalho procura identificar os clássicos da Literatura Infantil que são revisitados no filme *Shrek 2* e, a partir dessa identificação, fazer uma análise comparativa dos personagens como eram conhecidos nos clássicos e como se apresentam agora, no filme.

Busca-se ampliar a discussão sobre o que são clássicos e sobre a intertextualidade. A definição de clássicos, baseada nos conceitos de Italo Calvino (CALVINO, 2007), ajuda na percepção de quais são as obras presentes no filme que podem assim ser caracterizadas. Já a intertextualidade, conforme a define Tânia Carvalhal (CARVALHAL, 1999), é muito presente no filme *Shrek 2*, o qual faz frequentes referências e se utiliza de textos e personagens conhecidos, dando graça e consistência à história.

São apresentadas ilustrações das primeiras versões impressas e imagens dos personagens no filme, tornando visível a vinculação entre os personagens clássicos e os representados no filme.

É apresentado, para um melhor entendimento, um breve roteiro do filme e um resumo dos contos como foram escritos pela primeira vez, para, por fim, apresentar a trajetória dos personagens dos clássicos no filme.

Palavras-chave: Shrek – filme – contos – clássicos – intertextualidade – personagem.

ABSTRACT

This paper seeks to identify the classics of children's literature are revisited in the movie *Shrek 2* and, from that identification, a comparative analysis of the characters as they were known in the classics and now feature in the film.

It wants to expand the discussion about what are the classics and on intertextuality. The definition of classics, based on concepts of Italo Calvino (CALVINO, 2007), aids in the perception of what stories featured in the film can thus be characterized. The intertextuality, as sets Tania Carvalhal (CARVALHAL, 1999), is very present in the movie *Shrek 2*, which makes frequent references and uses texts and characters known, giving grace and consistency to the history.

Illustrations of the earliest printed versions and the images in the film of the characters are showed, making visible the linkage between the classic characters and represented in the film.

It is presented, for better understanding, a short screenplay and a summary of the tales how the first time were written, to finally present the trajectory of the classics characters in the movie.

Keywords: Shrek - film- fairy tales – classics – intertextuality - character.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 O FILME	7
2 REFLEXÃO SOBRE CLÁSSICOS E SOBRE INTERTEXTUALIDADE	9
3 OS CLÁSSICOS INFANTIS APRESENTADOS NO FILME	13
3.1 OS CLÁSSICOS COMO ELES ERAM	15
3.1.1 O GATO DE BOTAS (OU O MESTRE GATO)	15
3.1.2 CHAPEUZINHO VERMELHO	16
3.1.3 O REI SAPO (OU HENRIQUE DE FERRO)	18
3.1.4 HOMEM BISCOITO DE GENGIBRE	20
3.1.5 AS AVENTURAS DE PINÓQUIO	21
3.1.6 A HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS	24
3.1.7 TRÊS RATOS CEGOS (THREE BLIND MICE)	26
3.1.8 MUFFIN MAN	27
3.2 A TRAJETÓRIA DESSES PERSONAGENS NO FILME <i>SHREK 2</i>	28
3.2.1 GATO DE BOTAS	28
3.2.2 LOBO DA CHAPEUZINHO VERMELHO	32
3.2.3 REI SAPO	34
3.2.4 HOMEM BISCOITO DE GENGIBRE	37
3.2.5 PINÓQUIO	39
3.2.6 TRÊS PORQUINHOS	41
CONCLUSÃO	43
LISTA DE FIGURAS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
REFERÊNCIAS DE SITES	47

INTRODUÇÃO

Shrek 2 é um filme classificado como infantil, mas com grande apelo para o público de todas as idades, seguindo uma tendência dos modernos filmes infantis, nos quais as alusões às questões do mundo adulto perpassam a história a todo o momento, inclusive com piadas claramente direcionadas somente a esse público. Ao mesmo tempo, o filme traz grande número de menções às clássicas histórias infantis, de amplo conhecimento público, mesmo que ainda não lidas.

O filme inicia com clara alusão aos Contos de Fadas, com um livro sendo aberto e a clássica expressão “Era uma vez...” Relembra rapidamente a história de Fiona, princesa que havia sido enfeitada e trancada em uma torre, devendo ser libertada do encantamento e da torre por um príncipe.

Em *Shrek 2*, quando o Príncipe Encantado chega à torre, só encontra o Lobo vestido de vovó, que lhe informa que a Princesa Fiona já fora libertada e está em lua de mel. A seguir, a cena muda para a lua de mel de Shrek e Fiona.

Para ilustrar a quantidade de referências, que é uma constante no filme, apresento, a seguir, a sequência dos primeiros minutos, que se dá enquanto o espectador ouve a música “*Accidentally In Love*” (Acidentalmente Apaixonados), de Counting Crows.

A lua de mel do casal é numa casinha de doces, ao estilo João e Maria, inclusive está indicado na placa que é a cabana do João, do conto *João e Maria*. Chapeuzinho Vermelho, do conto do mesmo nome, bate à porta e se assusta quando os ogros abrem, deixando a cesta com o lanche que trazia... O casal vai para a praia e está se beijando quando vem uma onda e “troca” Fiona por uma sereia. Então Fiona volta e lança a sereia ao mar. Em seguida um anão está forjando um anel, o qual será usado por Fiona, com a inscrição I LOVE YOU. O anão está junto com outros, numa possível alusão aos sete anões do conto *Branca de Neve*. O anel se parece com o anel do livro/filme *O Senhor dos Anéis*.

Os dois ogros aparecem correndo em câmara lenta em um campo de margaridas amarelas, e logo atrás os camponeses jogando paus e garfos. Ao escaparem para a floresta, Shrek é preso em uma armadilha e fica dependurado pelo pé, de cabeça para baixo e com parte da cabeça suja de

lama. Os camponeses surgem para atacá-lo, mas Fiona, lutando artes marciais como nos filmes desse gênero, afugenta-os. Então ela limpa a parte da boca do Shrek, que ainda estava suja de lama, e o beija, numa cena idêntica ao beijo de amor entre Peter Parker e Mary Jane do filme *Homem Aranha*.

Chega a noite e o casal prende pequenas fadas luminosas em vidros para iluminar seu banho de lama. No banho, brincam de peidar embaixo d'água. Logo em seguida aparecem à beira mar, com a lua cheia ao fundo, beijando-se apaixonadamente. Inicia-se, então, a ação que resumiremos mais adiante.

Os personagens a seguir, conhecidos por serem protagonistas em clássicos da literatura infantil, são os que têm atuação efetiva no filme *Shrek 2* e serão motivo de análise individual neste trabalho.

- Gato de Botas;
- Pinóquio;
- Três Porquinhos;
- Lobo Mau (da *Chapeuzinho Vermelho*);
- Gingerbread Man (*Homem Biscoito de Gengibre*);
- Rei Sapo;
- Three Blind Mice (*Três Ratos Cegos*);
- Muffin Man.

A proposta deste trabalho é de verificar se esses personagens mantêm alguma identidade com suas características originais dos clássicos da literatura infantil ou se são alusões longínquas, ao mesmo tempo em que se pretende enfatizar a importância de conhecer as referências para um melhor entendimento de qualquer texto.

O trabalho está estruturado da seguinte forma:

- capítulo 1: apresentação do filme *Shrek 2*;
- capítulo 2: reflexões com base nas ideias de Italo Calvino e Tânia Carvalhal, respectivamente sobre Clássicos e Intertextualidade;
- capítulo 3: apresentação dos clássicos infantis (contos e cantigas), cujos personagens circulam no filme *Shrek 2*, como eles primeiro foram registrados por escrito, e a trajetória desses personagens.

1 O FILME

O primeiro filme *Shrek*, de 2001, é baseado no livro homônimo, de William Steig, cartunista e escritor americano.

Já o segundo – *Shrek 2* - é uma sequência não baseada em livro, que estreou em 2004, um ano após o falecimento do criador do personagem. É uma produção dos estúdios PDI / Dreamworks – EUA, dirigido por Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon.

Após o início apresentado na introdução, Shrek, Fiona e o Burro seguem, a pedido dos reis, pais de Fiona, para o reino “Tão Tão Distante”, enquanto ficam em sua casa Pinóquio, os Três Porquinhos, o Homem Biscoito de Gengibre, os Três Ratinhos Cegos e o Lobo Mau da *Chapeuzinho Vermelho*, ainda vestido de vovó.

Shrek e Fiona fazem a longa viagem até Tão Tão Distante, que se assemelha a *Hollywood*. O pai de Fiona não está nada satisfeito com a ideia de Fiona ter se casado com um ogro. E para atormentá-lo ainda mais, a Fada Madrinha, mãe do Príncipe Encantado, cobra do rei um trato que haviam feito muitos anos antes, de que a princesa Fiona deveria se casar com o Príncipe Encantado.

O rei contrata o único que poderia enfrentar o ogro, o Gato de Botas, no entanto, quando eles se encontram, o Gato de Botas não consegue acabar com Shrek. O ogro fica sabendo, então, que seu sogro havia mandado matá-lo.

Em vista dessa situação, e como Shrek havia lido no diário adolescente de Fiona que ela queria se casar com o Príncipe Encantado, ele pensa que é necessário buscar a felicidade e vai ao consultório/fábrica da Fada Madrinha. O Gato, nessas alturas agradecido por Shrek ter-lhe poupado a vida, faz uma carinha de “coitadinho” e pede para ir junto. Shrek aceita, mesmo o Burro não gostando da ideia.

Shrek consegue dar um jeito de falar com a Fada Madrinha, que lhe diz que ogros, nos contos de fadas, não vivem felizes para sempre. Não satisfeitos com essa resposta, o ogro, o Burro e o Gato invadem sorrateiramente a sala de poções e procuram uma que torne Shrek belo. Depois de várias peripécias, conseguem sair com a seguinte poção.

Poção Felizes Para Sempre, Superforte. Para você e seu amor verdadeiro. Se um de vocês beber isto, os dois ficarão bem. Felicidade, bem-estar e beleza divina. (FILME *SHREK 2*, 2004)

Shrek toma a poção e, no dia seguinte, acorda não mais um ogro, mas um homem bonito. No entanto, para a poção ter efeitos permanentes, deverá ser dado o beijo de amor verdadeiro à meia-noite. Ao mesmo tempo, Fiona está no castelo com os pais e transforma-se novamente na linda princesa que era no primeiro filme.

Quando Shrek volta ao castelo, a Fada Madrinha tranca-o em um quarto, enquanto manda o Príncipe Encantado apresentar-se à Fiona como se fosse o Shrek transformado. A Fada Madrinha aproveita e convence Shrek de que o melhor para Fiona é ele ir embora, pois ele é um ogro e ela uma princesa.

Shrek descobre, meio por acaso, escutando uma conversa do Rei com a Fada Madrinha, que era tudo uma armação para que o Príncipe Encantado ficasse com Fiona, e que o Rei tem uma dívida para com a Fada Madrinha, a qual pode, a qualquer momento, desfazer o feitiço que o ajudou no seu “feliz para sempre”.

Enquanto isso, Pinóquio, os Três Porquinhos, o Homem Biscoito de Gengibre, os Três Ratinhos Cegos e o Lobo Mau da *Chapeuzinho Vermelho* assistem pela televisão à transmissão do início do baile de Tão Tão Distante, ao estilo Oscar de *Hollywood*, bem como à prisão de Shrek, do Gato de Botas e do Burro.

Esse grupo de personagens consegue soltar Shrek e seus parceiros, e vão para o baile, a fim de evitar o beijo do Príncipe Encantado em Fiona, que faria com que ela se apaixonasse por ele, devido a uma outra poção que, supostamente, o Rei havia dado à Fiona. O Príncipe Encantado consegue beijar a Fiona e aí se descobre que o Rei não tinha dado a poção a sua filha. A Fada fica furiosa e se inicia uma luta entre ela e os demais. Por fim, o Rei, para salvar Shrek, é atingido e volta a tornar-se um sapo.

O relógio dá meia-noite. Esta seria a hora de Shrek e Fiona beijarem-se para ficarem belos para sempre, no entanto, Fiona não aceita que ele a beije, para que ele volte a ser o que é, um ogro.

O casal volta a ser ogro e vivem felizes para sempre... Até o próximo filme.

2 REFLEXÃO SOBRE CLÁSSICOS E SOBRE INTERTEXTUALIDADE

Na introdução, falei das clássicas histórias infantis, mas, na verdade, o que são os clássicos? Não tenho a pretensão de esgotar esse assunto, mas proponho uma breve reflexão.

Para começar, a meu ver, precisamos ter um distanciamento temporal. Uma obra literária só vai ser considerada “clássico” quando ela sobrevive ao passar dos anos. Essas obras fazem parte de um rol canônico estabelecido pelos grandes pensadores do assunto, ao mesmo tempo em que têm a aceitação da população, a qual, às vezes, até sem ter lido a obra, acha importante dizer que leu, ou pelo menos acredita ter uma ideia do que tratam:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2007, p. 10)

Os clássicos são aquelas obras que, quando se faz uma alusão a elas, parece que todos já ouviram falar seu assunto.

Calvino afirma também que “Toda a releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.” (CALVINO, 2007, p. 11), ou seja, o clássico parece nunca se esgotar, toda vez que o lemos, temos uma nova leitura. Ao mesmo tempo, o que soa paradoxal, diz: “Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.” (CALVINO, 2007, p. 11), o que me parece nova referência à ideia do inconsciente coletivo – conhecimentos que já são inerentes à humanidade e são transmitidos às novas gerações inconscientemente, ou até biologicamente.

Essas reflexões nos remetem à noção de intertextualidade. O termo intertextualidade traz a ideia de relação entre os textos literários. A intertextualidade, apesar de ser um termo recente, já do século XX, percorre toda a literatura universal, pois os textos nunca são totalmente originais, relacionam-se com outros textos já escritos; há uma constante relação entre o texto criado agora e aqueles já escritos. Por outro lado, acredito na máxima de Heráclito de que “o homem nunca se banha duas vezes no mesmo rio”, ou seja, tudo o que se cria é novo.

Jorge Luis Borges (2007), em seu conto “*Pierre Menard, autor de Quixote*”, traz-nos uma interessante reflexão sobre o assunto. No conto, o narrador cita um fictício escritor francês, Pierre Menard, que resolve escrever “*Dom Quixote*”, o qual, quando pronto, seria igual ao de Cervantes, no entanto seria em tudo diverso - essa é a defesa do narrador/escritor, que seria um crítico literário amigo de Pierre Menard:

Ele não queria compor outro Quixote – o que seria fácil – mas o Quixote. Inútil acrescentar que nunca levou em conta uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes. (BORGES, 2007, p. 38)

Qualquer texto lido ou escrito por outra pessoa é outro texto.

Com respeito à intertextualidade, Tânia Carvalhal afirma:

O processo de escrita é visto, então, como resultante também do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. O texto, portanto, é absorção e réplica a outro texto (ou vários outros).

A análise dessa produtividade leva ao exame das relações que os textos tramam entre eles para verificar, como quer Gérard Genette, a presença efetiva de um texto em outro, através dos procedimentos de imitação, cópia literal, apropriação parafrásica, paródia, etc. (CARVALHAL, 1999, p. 50 e 51)

Acrescentando mais um texto literário a essas reflexões, apresento a poesia “Tecendo a Manhã”, de João Cabral de Melo Neto:

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito de um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
 se erguendo tenda, onde entrem todos,
 se entretendendo para todos, no toldo
 (a manhã) que plana livre de armação.

A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(MELO NETO, 1997, p.15)

Assim como a manhã é tecida por todas essas vozes que se entrelaçam, a literatura é tecida por todos os textos já escritos e já lidos que de alguma forma se entrelaçam e repercutem:

Na verdade, os conceitos de originalidade e individualidade estão intimamente vinculados à ideia de subversão da ordem anterior, pois o texto inovador é aquele que possibilita uma leitura diferente dos que o precederam e, desse modo, é capaz de revitalizar a tradição instaurada. (CARVALHAL, 1999, p. 63)

Pensando no objeto deste trabalho, o que observa Carvalhal com respeito à subversão da ordem anterior é o que acontece enfaticamente com os personagens dos clássicos da literatura infantil no filme *Shrek 2*. Como veremos adiante, esses personagens são retirados de um contexto tradicional e transportados ao filme, em alguns casos mantendo muito pouco de suas características, em outros com referências sutis ou até com um número maior de características mantidas.

Importante salientar, também, especialmente por se tratar de um filme dito infantil, que há uma diferença na recepção da criança ou do adolescente e na do adulto. Enquanto o jovem vê no filme *Shrek 2* uma série de situações engraçadas e com elas se diverte, o espectador mais maduro, ou aquele que possui uma bagagem de referências maior, identifica e se diverte com tantas outras situações do mesmo filme.

Pode-se citar como exemplos:

- de humor infantil/adolescente/adulto: Shrek e Fiona “peidando” embaixo d’água;
- de humor adolescente/adulto: o Lobo Mau vestido de vovó lendo uma revista (“Pork Illustrated”) de porquinhas em trajes de banho;
- de humor adulto: um dos trompetistas da comitiva do arauto do rei se empolga e começa a tocar a música tema de *Hawaii 5.0* (seriado de TV que foi ao ar entre 1968 e 1980).

Ítalo Calvino em seu *Por que ler os clássicos* também faz uma distinção entre o leitor jovem e o leitor adulto.

A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais. (CALVINO, 2007, p. 10)

Por conseguinte, entendo que, na medida em que o indivíduo vai crescendo e se desenvolvendo, ampliando a quantidade de leitura e as experiências de vida, maior vai se tornando a sua capacidade de ler o texto e de ler o mundo.

3 OS CLÁSSICOS INFANTIS APRESENTADOS NO FILME

Muitos dos clássicos da literatura infantil, em especial dos contos de fadas, são originários da literatura oral. Histórias que eram passadas de uma pessoa para outra, se espalhando com versões e interpretações às vezes bem diferentes.

A maioria dos contos de fadas, como Chapeuzinho Vermelho, surgiu por volta da Idade Média, em rodas de camponeses na Europa, onde eram narrados para toda a família. 'A fome e a mortalidade infantil serviam de inspiração', diz a especialista em histórias infantis Marina Warner, da Universidade de Essex, na Inglaterra. (JOKURA et al. p. 18)

Charles Perrault, escritor francês do século XVII, foi o que primeiro deu acabamento literário a esses contos. Em 1697 publicou *Contos da Mamãe Gansa*, que reunia várias histórias, adaptadas ao público infantil e com moral explicitada, "transplantando contos populares de suas origens camponesas para uma cultura cortesã que valorizava uma forma literariamente estilizada e toques extravagantes" (TATAR, 2004, p. 356).

Dos personagens que são objeto desse trabalho, o Gato de Botas e o Lobo Mau, do conto *Chapeuzinho Vermelho*, são referenciados pela primeira vez por escrito por Charles Perrault.

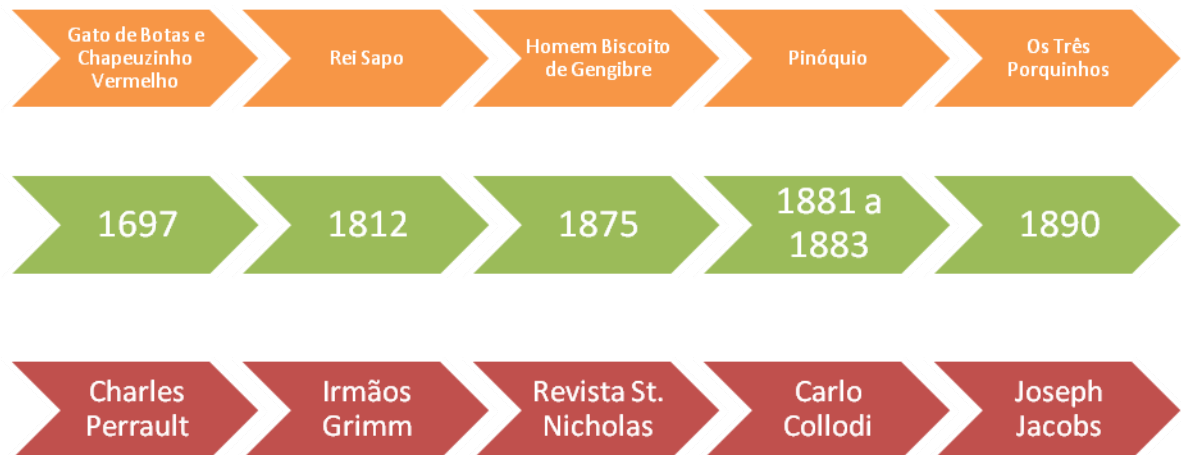
O *Rei Sapo* é um dos contos do livro *Contos infantis e do lar*, de 1812, publicado pelos Irmãos Grimm – Jacob e Wilhelm -, eruditos alemães que compilaram várias histórias infantis a partir do relato oral de camponeses.

Gingerbread Man (Homem Biscoito de Gengibre) é um conto infantil muito popular na Europa, especialmente na Inglaterra, posteriormente incorporado à tradição dos Estados Unidos. Curioso observar que o primeiro registro documentado de biscoito de gengibre em forma humana é do século XVI, da corte inglesa à época da Rainha Elizabeth I. Já o primeiro registro escrito do conto *Gingerbread Man* é de 1875, quando foi publicado na revista *St. Nicholas Magazine*. Mais tarde, em 1890, Joseph Jacobs, escritor e folclorista australiano, radicado na Inglaterra, publicou em seu *English Fairy Tales* uma versão desse conto, com o título "Johnny-Cake".

Na mesma publicação, *English Fairy Tales*, 1890, Joseph Jacobs escreveu, também a partir da coleta de informações junto ao povo, “Os Três Porquinhos”, conto de tradição oral inglesa. Os personagens desse conto são os próprios três porquinhos e o lobo mau. Esse lobo tem como característica assoprar as casinhas dos porquinhos e terá essa característica assumida pelo lobo da *Chapeuzinho Vermelho* em *Shrek 2*, como veremos adiante.

Por fim, *Pinóquio* é uma narrativa criada por Carlo Collodi, um jornalista italiano, escrito como um folhetim, divulgado através de um periódico destinado ao público infantil entre 1881 e 1883.

Com base nas informações dos livros *Contos de Fadas* (TATAR, 2004) *Fadas no Divã* (CORSO, 2006), bem como da enciclopédia virtual *Wikipedia*, teríamos a seguinte sequência das histórias citadas, em uma linha de tempo:



Acrescentem-se, ainda, os personagens oriundos de cantigas infantis (nursery rhymes) Three Blind Mice (os Três Ratos Cegos), de 1805, e o Muffin Man (confeiteiro), de 1820.

3.1 OS CLÁSSICOS COMO ELES ERAM

Apresento, a seguir, um pequeno resumo de cada uma dessas histórias, baseado no conto como ele foi apresentado pela primeira vez por escrito, pelo que se sabe até o momento.

3.1.1 O GATO DE BOTAS (OU O MESTRE GATO)



Fig. 1: O Gato de Botas - ilustração de Gustave Doré

O conto “O Gato de Botas” de Charles Perrault, narra a história do filho de um moleiro que recebe de herança pela morte de seu pai, um gato, enquanto seus dois irmãos recebem, respectivamente, um moinho e um burrinho.

Esse terceiro filho sente-se prejudicado por receber apenas um gato que não terá grande utilidade. Ele pensa em matar o Gato para comer sua carne e vender sua pele, a qual não é de grande valor. O Gato ao ouvir isso, convence seu amo a comprar-lhe umas botas e um saco com cordões. O rapaz acaba por fazer-lhe a vontade, já que não tem muito a perder.

O Gato inicia suas artimanhas caçando um coelho e levando-o de presente ao rei, anunciando ser um presente do Marquês de Carabá. Mais adiante leva ao rei duas perdizes. E assim vai conquistando a simpatia do monarca.

Um dia, aconselha seu amo a banhar-se no rio a determinada hora. Naquela hora, o rei vai passando com sua carruagem e o Gato grita por socorro, dizendo que seu amo está se afogando. Imediatamente o rei ordena que seus guardas salvem o Marquês de Carabá. O Gato ainda diz que os ladrões haviam roubado a roupa do Marquês e o rei providencia-lhe belas roupas, convidando o Marquês para um passeio.

O Gato segue na frente, instigando os camponeses a dizerem à passagem do rei que aquelas terras são do Marquês de Carabá, e assim acontece.

Por fim, chega o Gato ao castelo do Ogro e, com sua astúcia, faz com que o Ogro se transforme em um ratinho, facilmente devorado pelo Gato. Seu amo toma conta do castelo, casa-se com a princesa e eles vivem felizes, juntamente com o Gato.

3.1.2 CHAPEUZINHO VERMELHO



Fig. 2: Chapeuzinho Vermelho - ilustração de Gustave Doré

O conto *Chapeuzinho Vermelho* tem muitas versões diferentes.

Versões antigas, contadas ao pé da lareira ou em tabernas, mostram uma jovem heroína esperta que não precisa se valer de caçadores para escapar do lobo e encontrar seu caminho de volta para casa. E 'A história de avó', uma versão oral do conto registrada na França no final do século XIX, Chapeuzinho Vermelho faz um *striptease* diante do lobo, para depois terminar a ladainha de perguntas sobre as partes do corpo dele perguntando se pode ir lá fora se aliviar. O lobo é passado para trás por Chapeuzinho Vermelho, que parece mais uma hábil trapaceira do que uma menina ingênua. (TATAR, 2004, p.28)

A versão de Charles Perrault não apresenta esse aspecto obsceno, e mantém a ingenuidade de Chapeuzinho.

Dentre as duas versões mais tradicionais, de Perrault e dos Irmãos Grimm, a grande diferença é que estes criam um final feliz, com a vovó e Chapeuzinho sendo salvas por caçadores, enquanto aquele termina o conto com Chapeuzinho sendo comida pelo lobo.

Charles Perrault apresenta a menina como uma aldeã, a mais bonita que poderia haver, a qual era adorada por sua mãe e por sua avó. O nome Chapeuzinho Vermelho é como a menina ficou conhecida, por causa de um capuz vermelho que usava, mandado fazer por sua avó. Certo dia, a mãe de Chapeuzinho lhe pede que vá levar alguns mantimentos para a avó, que se encontrava um pouco adoentada e morava em outra aldeia. No caminho, Chapeuzinho encontra o Lobo, que não se atreve a comê-la no bosque, devido à presença de lenhadores nas proximidades, mas conversa com ela e fica sabendo que a menina estava indo para a casa da avó. O Lobo corre até a casa da Vovó, fazendo-se passar por Chapeuzinho Vermelho, e devora a velha senhora. O Lobo, então, põe a camisola da Vovó e fica na cama, embaixo das cobertas, aguardando Chapeuzinho Vermelho.

Quando a menina chega, ocorre o famoso diálogo:

Minha avó, que braços grandes você tem!
É para abraçar você melhor minha neta.
Minha avó, que pernas grandes você tem!
É para correr melhor, minha filha.
Minha avó, que orelhas grandes você tem!
É para escutar melhor, minha filha.
Minha avó, que olhos grandes você tem!

É para enxergar você melhor, minha filha.
 Minha avó, que dentes grandes você tem!
 É para comer você. (TATAR, 2004 - p.337 e 338)

Dizendo isso, o Lobo ataca e devora Chapeuzinho Vermelho.

3.1.3 O REI SAPO (OU HENRIQUE DE FERRO)



Fig. 3 O Rei Sapo – ilustração de Walter Crane

Segundo Maria Tatar, “o conto parece ser uma forma híbrida sobre um noivo animal com outro sobre um servo leal. Henrique de Ferro deve seu nome aos arcos de aço que impedem seu coração de explodir enquanto seu amo permanece sob o encantamento” (Tatar, 2004, p. 118).

Esta história é a primeira do livro “Contos da infância e do lar”, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, publicado pela primeira vez em 1812.

A filha mais nova de um rei era muito linda e costumava brincar com sua bola de ouro na beira de uma fonte. Certo dia, ela deixou a bola cair e esta

desapareceu nas profundezas da água da fonte. A menina ficou desesperada e pôs-se a chorar, até que apareceu um sapo falante que se propôs a buscar o brinquedo mediante uma promessa da princesa:

Não quero seus vestidos, suas pérolas e jóias, ou sua coroa de ouro. Mas se me prometer gostar de mim e deixar que eu seja seu companheiro e brinque com você, que fique ao seu lado na mesa e coma do seu pratinho de ouro, beba do seu copinho e durma na sua caminha, se me prometer tudo isto, mergulharei na fonte e trarei de volta sua bola de ouro. (TATAR, 2004, p. 121)

A princesa, sem medir as consequências aceitou de imediato. Com a palavra da princesa empenhada o sapo resgatou a bola e entregou-a à menina. Recebendo o brinquedo, a princesa correu para o castelo, deixando o sapo para trás.

No dia seguinte, à hora do jantar, o sapo foi até o castelo e a princesa não lhe abriu a porta, no entanto o rei, percebendo a perturbação da filha, perguntou-lhe o que estava acontecendo. A moça explicou o que havia prometido ao sapo e o rei exigiu que ela cumprisse o que havia prometido: “Se fez uma promessa, então tem de cumpri-la.” (TATAR, 2004, p. 124)

A princesa não teve outra opção senão obedecer ao pai e receber o sapo no castelo. No entanto, quando o sapo pediu-lhe que o colocasse em sua cama, a menina furiosa, num acesso de raiva e de nojo, jogou-o contra a parede. Nesse instante, o sapo transformou-se num lindo príncipe, e a princesa, obedecendo às ordens do pai, recebeu-o como seu companheiro.

No final do conto, ainda aparece o outro personagem que dá nome à história: Henrique. Henrique era um servo fiel ao príncipe, que havia colocado três arcos de ferro em volta de seu peito, para impedir que seu coração arrebetasse de dor e sofrimento com a transformação de seu amo em sapo. A euforia de Henrique com a quebra do feitiço faz com que os três arcos se rompam.

3.1.4 HOMEM BISCOITO DE GENGIBRE

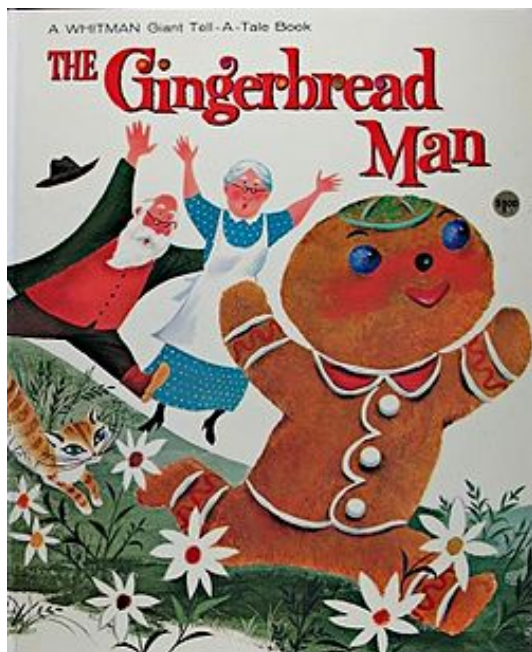


Fig. 4 Capa do livro de Whitman Giant, edição de 1963

O conto infantil “*Gingerbread Man*” (Homem Biscoito de Gengibre) não é muito conhecido no Brasil, no entanto, é tradicional especialmente na Inglaterra e, por conseguinte, nos Estados Unidos, sendo bastante popular também nos demais países da Europa. Trata-se de uma história bem infantil em que um boneco de biscoito de gengibre ganha vida.

A mulher, de um casal de idosos que não tinha tido filhos, faz um biscoito de gengibre em forma de menino, colocando-o para assar. Passado o tempo de cozimento do biscoito, a velha senhora abre o forno, o Homem Biscoito de Gengibre salta, ganhando vida, e sai correndo. O casal corre atrás do Homem Biscoito de Gengibre, mas não conseguem pegá-lo.

Em muitas versões, o Homem Biscoito de Gengibre provoca seus perseguidores com uma quadrinha:

Run, run, run,
as fast as you can!
You can't catch me,

I'm the Gingerbread Man! (PADUA, 2009)¹

O Homem Biscoito de Gengibre chega a um celeiro e lá encontra debulhadores que também o perseguem, sem conseguir pegá-lo, novamente ele canta a quadrinha.

Na versão de 1875, registrada na revista St. Nicholas, sem autoria definida, o Homem Biscoito de Gengibre fala os versos a seguir e acrescenta cada novo perseguidor:

I've run away from a little old woman,
A little old man,
And I can run away from you, I can!
(HEINER, 2004)²

O personagem chega então a um campo, onde os ceifadores estão trabalhando. A situação se repete, os ceifadores correm atrás dele, sem conseguir pegá-lo.

Mais adiante encontra uma vaca, depois um porco e, por fim uma raposa. Esta consegue pegar o Homem Biscoito de Gengibre e o come em quatro mordidas.

O Homem Biscoito de Gengibre, então, nunca mais falou.

3.1.5 AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

Dentre as histórias infantis aqui tratadas, a de Pinóquio se distancia dos contos de fadas tradicionais, pois foi criado por um escritor (jornalista), Carlo Collodi, ou seja, não é originário da cultura popular, e foi apresentado pela primeira vez como um folhetim em um periódico, chamado “Giornale per i Bambini”, de Roma/Itália.

¹ Corra, corra, corra,
o mais rápido que puder!
Você não me pega.
Eu sou o Homem Biscoito de Gengibre! (tradução nossa)

² Eu tenho de fugir de uma velhinha
e de um velhinho,
e eu posso fugir de você, eu posso! (tradução nossa)



Fig. 5 - Capa da primeira edição de *Pinóquio* - Ilustração de Enrico Mazzanti para a edição Paggi, 1883.

A história começa com um pedaço de madeira falante que é dado para o artesão marceneiro Gepetto. Este faz um boneco com o pedaço de madeira, o qual, mesmo antes de ficar pronto, já dava sinais de mau comportamento, instigando uma briga entre Gepetto e seu amigo.

O sonho do artesão era fazer uma marionete perfeita, para com isso ter sucesso, fama e dinheiro. No entanto, com as primeiras confusões do boneco, Gepetto acaba preso. Com Pinóquio sozinho em casa, aparece pela primeira vez o Grilo Falante, que é uma espécie de consciência externa do boneco.

Pinóquio não quer saber da escola, para a qual Gepetto o encaminhara, e vende a cartilha para ir ao teatro de marionetes, aonde tem uma atitude de herói pela primeira vez, salvando outro boneco de ser queimado.

O dono do teatro de marionetes lhe dá um dinheiro, que ele acaba perdendo para uma dupla de trapaceiros, a Raposa e o Gato. Os mal-feitores o

deixam pendurado em uma árvore e ele é salvo pela primeira versão da Fada Azul.

Pinóquio fica quatro meses na cadeia porque estava em um reino onde ser otário era crime e ele havia sido ludibriado pelos trapaceiros.

Mais adiante, Pinóquio é preso pelo proprietário de uma fazenda por estar roubando uvas e é usado como cachorro para proteger o galinheiro desse senhor, conseguindo ser solto graças a sua fidelidade.

O boneco de madeira retorna para casa e está prestes a virar um menino de verdade, com a ajuda da Fada Azul, quando cai novamente na tentação de buscar novas aventuras com um grupo de meninos que está sendo levado para um lugar onde não existe escola e não se trabalha. Naturalmente, esse lugar era mais uma enganação e Pinóquio foi transformado em burrinho para ser vendido.

Como burro, Pinóquio trabalha em um circo, depois machuca a pata e é repassado a outro dono para lhe tirar o couro. Este novo dono resolve afogá-lo no mar para depois lhe tirar o couro, mas os peixes comem toda a carne e só sobra o boneco de madeira. Pinóquio acaba fugindo pelo mar e é engolido por um tubarão gigante. No interior da barriga do tubarão gigante está Gepetto, que havia se lançado no mundo para procurar seu “filho” e acabara sendo engolido pelo peixe.

Pinóquio consegue se libertar e libertar o “pai” do monstro e eles voltam para casa. Agora é o boneco que tem de cuidar de seu criador, pois este se encontra muito debilitado.

Por fim, Pinóquio assume as responsabilidades e trabalha para manter Gepetto; ainda fica sabendo que a Fada Azul está passando necessidade e manda dinheiro para auxiliá-la. Naquela noite, sonha que a Fada perdoa todas as suas molecagens e, quando amanhece, ele está transformado em um menino de verdade.

3.1.6 A HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS

Diferente da conhecida versão de Walt Disney, de 1933, para os *Três Porquinhos*, a versão que primeiro foi escrita foi a de Joseph Jacobs, em 1890, na qual os dois primeiros porquinhos são comidos pelo lobo.

Como vários contos de fadas, no início, a porca, mãe dos porquinhos, manda os filhos para o mundo tentar a sorte, pois não tem o suficiente para sustentá-los.

O Primeiro Porquinho pede palha a um homem e constrói sua casa desse material. Vem o Lobo, sopra a casinha de palha, que vai pelos ares, e come o Primeiro Porquinho.



Fig. 6 – O lobo assopra a casa do Primeiro Porquinho - Ilustração de Arthur Rackham

O Segundo Porquinho pede tojo (arbusto espinhoso comum na Europa) a um homem e constrói sua casa desses gravetos. Vem o Lobo, sopra um pouco mais, derruba a casa do Segundo Porquinho e o come.



Fig. 7 – O lobo assopra a casa do Segundo Porquinho - Ilustração de Arthur Rackham

O Terceiro Porquinho constrói sua casa de tijolos, os quais pede a um homem. O Lobo vem, ameaça o Terceiro Porquinho, sopra ainda mais, mas não consegue derrubar a casa de tijolos.

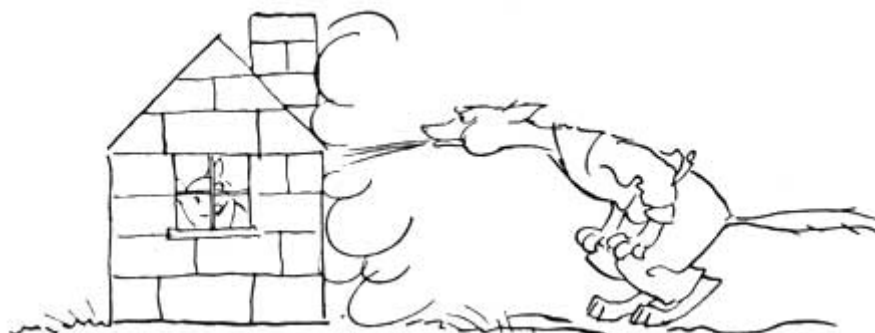


Fig. 8 –O lobo assopra a casa do Terceiro Porquinho - Ilustração de Arthur Rackham

O Lobo vê que não vai conseguir derrubar a casa e tenta convencer o Terceiro Porquinho a ir com ele, no dia seguinte, colher nabos para o jantar. No entanto, o Terceiro Porquinho vai uma hora antes ao campo de nabos, colhe-os e, quando o Lobo chega, já está com tudo pronto.

O Lobo fica muito irritado e tenta mais uma vez enganar o Porquinho, dizendo que há uma macieira em determinado lugar e que, no dia seguinte, o encontraria para colher maçãs. O Terceiro Porquinho novamente consegue se safar do Lobo.

Mais uma vez o Lobo tenta enganar o Porquinho, dizendo-lhe que há uma feira na aldeia e que o acompanharia no dia seguinte para ir à feira e o Porquinho consegue se livrar do Lobo.

Por fim, o Lobo muito zangado diz que vai devorar o Porquinho entrando pela chaminé. O Porquinho acende o fogo da lareira e prepara um caldeirão de água quente. Quando o Lobo entra pela chaminé, o Porquinho destampa a panela, deixando-o cair dentro dela. Imediatamente a fecha, cozinhando o Lobo e comendo-o no jantar.

3.1.7 TRÊS RATOS CEGOS (THREE BLIND MICE)

Os três ratinhos cegos que aparecem na ação de *Shrek 2* não são originários de um conto, mas de uma cantiga infantil (os ingleses chamam “nursery rhyme”) *Three blind mice*:

Three blind mice. Three blind mice.
See how they run. See how they run.
They all ran after the farmer's wife,
Who cut off their tails with a carving knife,
Did you ever see such a sight in your life,
As three blind mice? (WIKIPEDIA, 2010)³



Fig. 9 – Os Três Ratos Cegos – imagem do filme *Shrek 2*, 2004.

3

*Três ratos cegos. Três ratos cegos.
Veja como eles correm. Veja como eles correm.
Eles correram da esposa do fazendeiro,
Que cortou o rabo deles com uma faca,
Você já viu uma coisa assim em sua vida:
Três ratos cegos? (tradução nossa)*

3.1.8 MUFFIN MAN

Este é outro personagem que figura rapidamente no filme e é originário de uma antiga cantiga infantil inglesa (“nursery rhyme”) *The Muffin Man*:

Do you know the muffin man,
The muffin man, the muffin man,
Do you know the muffin man,
Who lives in Drury Lane?

Yes I know the muffin man,
The muffin man, the muffin man,
Yes I know the muffin man,
Who lives in Drury Lane. (WIKIPEDIA, 2010)⁴

Ele aparece como se fosse um padeiro que teria feito o pequeno Homem Biscoito de Gengibre, e foi procurado para auxiliar sua criatura, fabricando um Homem Biscoito de Gengibre gigante, que ajudará o herói do filme e seus aliados a invadir o castelo.



Fig. 10 – The Muffin Man – imagem do filme *Shrek 2*, 2004.

4 Você conhece o homem do muffin,
Homem do muffin, homem do muffin,
Você conhece o homem do muffin,
Que vive na Drury Lane?

Sim, eu conheço o homem do muffin
O homem do muffin, o homem do muffin.
Sim, eu conheço o homem do muffin
Que vive na Drury Lane. (tradução nossa)

3.2 A TRAJETÓRIA DOS PERSONAGENS NO FILME *SHREK 2*

Considerarei a trajetória de cada um dos personagens citados - com exceção dos Três Ratos Cegos e do Muffin Man, originários de cantigas infantis, conforme referido nos itens 3.1.7 e 3.1.8 - como se cada um fosse o protagonista de sua história, dentro de uma grande história que é a de *Shrek 2*.

Procurarei estabelecer uma relação entre o personagem como foi construído na versão escrita clássica e no filme, identificando, também, cada um dos personagens do filme com os arquétipos de Jung (Carl G Jung, psicólogo suíço), conforme descritos por Christopher Vogler, em seu “A Jornada do Escritor – Estruturas míticas para escritores”.

3.2.1 GATO DE BOTAS

A fim de cumprir o trato com a Fada Madrinha, o Rei, pai de Fiona procura quem possa eliminar o ogro. Para tanto, a Irmã Feia da Cinderela, que administra a cantina, sugere o Gato de Botas. Não por acaso, esse é o personagem indicado, pois na história contada por Charles Perrault, o Gato de Botas, com um estratagema, mata o ogro, conquistando o castelo para seu amo.

O Gato tenta, inicialmente, combater o ogro pela força, utilizando uma espada, mas não consegue. Interessante, também, observar a utilização da espada como se fosse o Zorro – personagem de origem latina e conhecidas características de clandestinidade.⁵

⁵ O ator que empresta sua voz ao Gato de Botas no filme original é Antonio Banderas, também de origem latina – ele é espanhol – e que representou o personagem Zorro recentemente no cinema.

O Gato de Botas, em *Shrek 2*, após a frustrada tentativa de utilizar a força, vê a necessidade de fazer uso da inteligência, e lança mão dela juntamente com aspectos de ternura, fazendo uma expressão de “coitadinho”, pela qual ficou conhecido, para conquistar aquele a quem pretendia matar. Alia-se, então a Shrek e ao Burro para acompanhar o personagem principal em sua aventura.

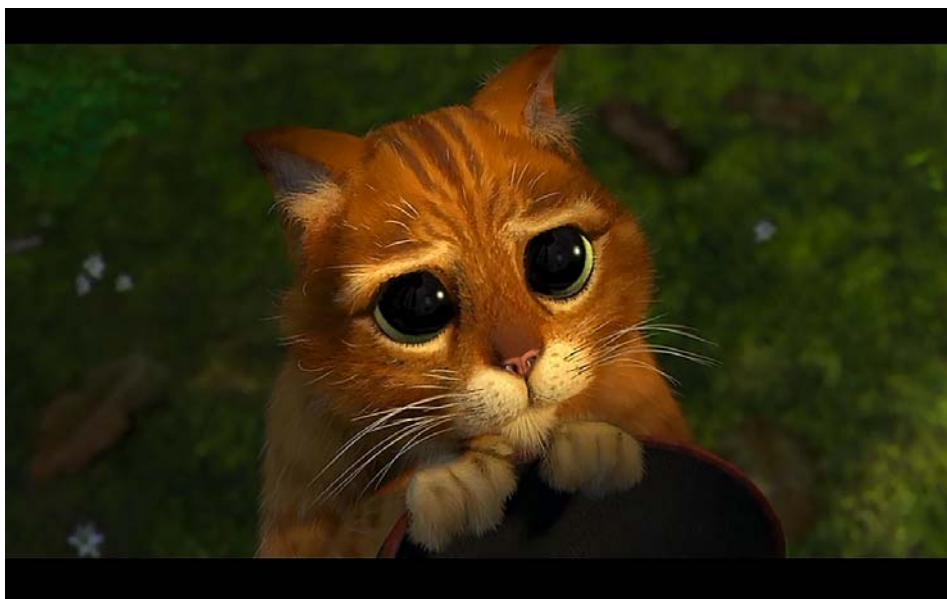


Fig. 11 – O Gato de Botas– imagem do filme *Shrek 2*, 2004.

De certa forma, remete-nos ao conto original, pois tudo que o Gato de Botas conquista é pela astúcia. Porém, é verdade que nem sempre acompanhada de valores éticos.

No primeiro momento, o Gato de Botas assume a função do arquétipo Guardiã de Limiar:

Geralmente, os Guardiões de Limiães não são os principais vilões ou antagonistas nas histórias. Na maioria das vezes são capatazes do vilão, asseclas menores ou mercenários contratados para guardar o acesso ao quartel-general do chefe. (VOGLER,1998, p.103)

O enfrentamento do Guardiã do Limiar é um primeiro teste para o herói da história. Shrek enfrenta o Gato de Botas sem grande dificuldade e acaba por incluí-lo na aventura, como aliado.

A partir daí, o Gato assume postura de herói em vários momentos, como quando utiliza sua habilidade de subir nas prateleiras e de cortar o vidro com sua garra afiada para pegar a poção “Felizes para sempre”.

Mais adiante, quando Shrek está transformado em humano, o Gato o auxilia a roubar as roupas de um nobre que passa pela estrada, usando a habilidade com a espada. Interessante que também no conto de origem desse personagem, o Gato de Botas ajuda seu amo a conseguir roupas de nobre, só que através de um estratagema: ele fez de conta que seu amo foi roubado enquanto se banhava e pediu ao rei que lhe fornecesse roupas. A ação continua e o Gato de Botas acompanha Shrek como se ele fosse seu amo. O Gato é preso junto com Shrek, chamando os guardas de “cães capitalistas”, e estes “plantam” um papelote de maconha para incriminá-lo – o que é um claro exemplo de aspecto não infantil do filme.

Ao serem resgatados pelos demais amigos de Shrek – Lobo, Três Porquinhos, Homem Biscoito de Gengibre, Pinóquio e os Três Ratos Cegos –, o Gato pega um dos Ratos Cegos e, não fosse pela intervenção de Shrek, teria engolido o pobre ratinho. Assim, ele mostra mais uma vez seu caráter não totalmente ético e sua natureza felina, tal como no conto original em que o Gato se diverte caçando e comendo ratos.

Quando Shrek consegue entrar no castelo onde está acontecendo a festa em que o Príncipe Encantado tenta tomar o lugar de marido de Fiona, o Gato de Botas fica para trás, pronto para se sacrificar para conter os guardas que estão perseguindo o herói. Novamente o Gato usa sua carinha terna para parar os guardas, e puxa sua espada para lutar bravamente com eles.

Logo em seguida, o Gato de Botas reaparece montado no Burro (que está transformado em cavalo) para segurar a varinha mágica da fada, impedindo-a de enfrentar Shrek e seus amigos.

Quando o relógio dá meia-noite, é o Gato que lembra Shrek da poção “Felizes Para Sempre”. Por fim, quando o casal principal consegue se reencontrar para seu Feliz Para Sempre, o Gato de Botas declara:

“Whatever happens, I must no cry. You cannot make me cry.”⁶

⁶ Aconteça o que acontecer, não vou chorar. Não vão me fazer chorar. (tradução nossa)

Para terminar, o Gato “puxa” a festa final, cantando junto com o Burro a música “*Living’ la vida loca*” (Vivendo a vida louca) de Robi Roas e Desmond Child.

O Gato é um personagem com muitas facetas interessantes, que inicia como um “Guardião do Limiar”, quase como um antagonista, e termina como um herói ou um aliado do herói.

Sua graça aumenta se o espectador sabe que, no conto de Perrault, o Gato de Botas é o responsável pela eliminação de um ogro, é fiel ao seu amo e gosta de comer ratos.

3.2.2 LOBO DA CHAPEUZINHO VERMELHO

Sabemos que o Lobo que aparece em *Shrek 2* é o do conto *Chapeuzinho Vermelho* porque está vestido de vovó.

Em sua primeira aparição no filme, o Lobo está deitado no lugar que seria da princesa Fiona antes de ser encontrada por seu príncipe Shrek. O Príncipe Encantado surpreende-se ao encontrar aquela figura e chega a perguntar se o Lobo é Fiona.

Observa-se que o Lobo, vestido de vovó, está lendo uma revista – *Pork Illustrated*.



Fig. 12 – O Lobo – imagem do filme *Shrek 2*, 2004.

É o Lobo que informa ao Príncipe Encantado que ele chegou atrasado, pois a Princesa Fiona está em lua-de-mel com Shrek.

O Lobo, juntamente com Pinóquio, os Três Porquinhos, o Homem Biscoito de Gengibre e os Três Ratos Cegos, ficam na casa de Shrek, dançando e aproveitando a ausência dos donos para fazer uma festa, enquanto os ogros e o Burro vão ao reino Tão Tão Distante, atendendo ao convite dos pais de Fiona.

O Lobo só vai aparecer novamente assistindo à TV, vendo o baile de Tão Tão Distante e a prisão de Shrek, do Burro e do Gato de Botas.

O grupo (Lobo, Pinóquio, Três Porquinhos, Homem Biscoito de Gengibre e Três Ratos Cegos) vai até a prisão para soltar Shrek e os demais, sendo que o Lobo tem uma participação discreta nesse resgate. Todos juntos, vão até o castelo onde o baile está acontecendo.

Durante a luta contra a Fada Madrinha, o Lobo assume a personalidade do Lobo dos Três Porquinhos, pois salva Shrek assoprando a Fada para longe, impedindo que ela lance um feitiço e fazendo-a derrubar a varinha mágica. Mais adiante, no final do filme, o Lobo toca um instrumento de cordas acompanhando o Burro e o Gato que cantam “*Living’ la vida loca*”.

O conto “Chapeuzinho Vermelho” é muito propício a análises psicanalíticas. Bruno Bettelheim, em seu *A psicanálise dos contos de fadas* afirma:

“Chapeuzinho Vermelho” aborda alguns problemas cruciais que a menina em idade escolar tem de solucionar quando as ligações edípicas persistem no inconsciente, o que pode levá-la a expor-se perigosamente a possíveis seduições. (BETTELHEIM, 2005, p. 206)

Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, no livro *Fadas no divã*, falam da transição da inocência infantil para a idade adulta:

Chapeuzinho é uma criança com a ingenuidade de quem não sabe – e ainda não suporta saber – sobre o sexo, mas sua intuição lhe diz que há algo a mais que anima os seres humanos. Embora ela leve doces para a vovozinha, parecendo que na vida comer é a maior satisfação e a solução para todos os males (vovó ficará boa da doença), ela encontra no caminho outros encantos: a lãbia lupina, as flores, as borboletas e o prazer de brincar. Ela representa a transição da aparente inocência infantil para o conhecimento da existência das práticas sexuais adultas, que surgem na vida da criança às vezes através de uma sedução imaginada ou, em casos graves e traumáticos, vivida. (CORSO, 2006, p. 53)

A partir de interpretações e análises, especialmente do viés psicanalítico, o Lobo no conto *Chapeuzinho Vermelho* é considerado um agente de incesto ou de estupro, um devorador. Se o consideramos assim, podemos vislumbrar um personagem licencioso, o que poderia identificá-lo com

o Lobo apresentado no filme *Shrek 2* - o tempo todo vestido de mulher, lendo revistas de conteúdo pornográfico.

As atitudes do Lobo no filme em nada lembram o Lobo devorador de Chapeuzinho Vermelho, ele não é assustador, não é malvado. O Lobo do filme apresenta-se como mais um aliado do herói Shrek.

3.2.3 REI SAPO

Os pais de Fiona, reis do reino Tão Tão Distante, são os personagens principais do conto “Rei Sapo ou Henrique de Ferro”, dos Irmãos Grimm. O pai de Fiona, agora Rei, era o Sapo no conto, e a mãe de Fiona, agora Rainha, era a Princesa no conto.



Fig. 13 – O Rei Sapo – imagem do filme *Shrek 2*, 2004.

Comparando as características desses personagens no conto e no filme, pode-se observar o que segue:

CONTO	FILME
A transformação de sapo para homem ocorre quando a princesa joga o sapo na parede.	Ocorre o processo inverso, o rei volta a ser sapo pela ação da Fada. O rei tem uma dívida para com a fada madrinha, que teria sido a

	responsável pela sua transformação de sapo para rei.
A princesa não quer se responsabilizar pela palavra empenhada.	A rainha tem uma postura bastante ética.
A princesa tem aversão ao sapo.	A rainha acolhe o sapo.
O sapo tem uma postura ética, cumprindo o prometido e cobrando a promessa da princesa.	O rei não é ético, buscando formas de eliminar Shrek, comprometendo-se com a Fada, mesmo que isso prejudicasse a filha.

Os pais de Fiona convidam a filha e o genro para irem ao reino Tão Tão Distante, para receberem a bênção pelo casamento, no entanto eles não esperavam que a filha tivesse casado com um ogro. É um rompimento com o padrão dos contos tradicionais, nos quais os ogros são vilões e as fadas são representações do bem.

A reação do Rei é de repulsa, enquanto a Rainha procura contornar, lembrando que aquela é a filha deles e que o ogro é o genro a quem a filha ama. No jantar que acontece em seguida, o problema de relacionamento entre o sogro e o genro só aumenta. O Rei permanece com a postura intolerante e a Rainha procura chamá-lo à razão, lembrando de quando eram jovens e que Shrek era a escolha de Fiona. No entanto, a Rainha não sabe que o Rei tinha um trato com a Fada, no qual Fiona estava prometida ao Príncipe Encantado, filho da Fada.

O Rei vai atrás de alguém que possa eliminar o ogro para cumprir o seu trato com a Fada, e casar Fiona com o Príncipe Encantado.

Considero que a Fada e sua ideia fixa de casar seu filho com a princesa Fiona, custe o que custar, passando por cima dos sentimentos, matando se necessário, é a grande antagonista, a grande vilã do filme, enquanto o Rei assume o arquétipo de Sombra em boa parte da ação, para, no final, voltar a ser um Mentor:

A função da Sombra no drama é desafiar o herói e apresentar a ele um oponente à altura em sua luta. As Sombras criam conflito e

trazem à tona o que o herói tem de melhor, ao colocá-lo numa situação que ameaça sua vida. (VOGLER, 1998, p. 124)

No filme *Shrek 2*, o Rei, pai de Fiona, tem uma trajetória que se inicia como Sombra, pois é ele que cria o conflito, comandado pela grande vilã, a Fada. Todavia acaba cedendo ao amor que tem pela filha, voltando a ser o que parecia ser antes da ação do filme: um Mentor, um pai amoroso.

Essa é uma história que reflete a relação dos sogros com os genros, que se inicia com o pai não querendo deixar sua filhinha cair nas mãos daquele “Lobo Mau” que é o futuro genro, mas que vai se amenizando com o tempo.

Como observa Christopher Vogler:

Algumas Sombras podem até passar por um processo de redenção e se converterem em forças positivas. Uma das mais impressionantes figuras de Sombra da história do cinema, Darth Vader, da série *Guerra nas estrelas*, acaba se revelando, e *O retorno de Jedi*, como o pai do herói. Toda a sua maldade no fim é perdoada e ele se transforma numa figura benigna, de fantasma, velando sobre o filho. O Exterminador também evolui e deixa de ser uma máquina de matar, voltada para destruir heróis, em *O exterminador do Futuro*, para tornar-se um Mentor protetor de heróis, em *O exterminador do futuro 2: O julgamento final*. (VOGLER, 1998, p. 127 e 128)

O Rei, de forma dissimulada, faz com que Shrek vá até a floresta onde o Gato de Botas espera o ogro para eliminá-lo. O ogro sai, sem que Fiona saiba. Enquanto isso, a Rainha está organizando o baile em homenagem ao casamento da filha, e o Rei segue agora tentando convencer Fiona de que Shrek não é bom para ela e que só está pensando no melhor para ela.

Depois de Shrek tomar a poção “Felizes Para Sempre”, que transforma ele e Fiona em humanos, quando o Príncipe Encantado se faz passar por Shrek, a Rainha desconfia e pergunta ao Rei se ele não tem nada a ver com isso. O Rei se omite e não responde nada. Como é possível perceber, a Rainha, que no conto era uma menina irresponsável, é agora uma senhora amorosa, coerente e ética, que busca a felicidade de sua família.

O Rei, então, arrependido pelo ocorrido, enxergando que o Príncipe Encantado não é a paixão de Fiona, procura a Fada para desfazer tudo que havia sido tratado. No entanto, ela não aceita e ameaça desfazer o encanto que garantiu o “feliz para sempre” do Rei – numa clara alusão a ter sido ela que ajudou a transformá-lo de sapo em rei. Para não ser de novo transformado em

sapo, o Rei se sente obrigado a dar uma nova poção à Fiona, que garantirá que ela se apaixone pelo primeiro que a beijar.

O Rei fica consternado, no entanto, ao ouvir a filha dizer que daria tudo para ter o antigo Shrek de volta e não a deixa beber a poção que havia misturado ao chá. Esse é o momento da grande virada do Rei, de Sombra em Mentor.

Para finalizar sua atuação, o Rei tem grande participação na luta final do Bem contra o Mal. A Fada fica furiosa ao descobrir que o Rei não havia dado a poção à Fiona e lança um feitiço com a varinha mágica contra Shrek e Fiona. O Rei salta para proteger Fiona e é atingido em sua armadura, transformando-se em sapo, enquanto o feitiço é também refletido e transforma a Fada em bolhas que se desmancham no ar.

O Rei Sapo pede desculpas a Shrek e Fiona, alegando que só queria o melhor para sua filha, mas que, na verdade, ela já tinha o melhor, e que só queria ser o homem que a Rainha merecia. A isso a Rainha responde que agora ele é esse homem, mais do que nunca.

3.2.4 HOMEM BISCOITO DE GENGIBRE



Fig. 14 – Homem Biscoito de Gengibre – imagem do filme *Shrek 2*, 2004

O Homem Biscoito de Gengibre no filme faz parte do grupo que fica na casa de Shrek quando ele sai para o reino Tão Tão Distante e que depois vai auxiliar o herói em sua luta contra o rei, seu sogro.

Como já citado na trajetória do Lobo, o Homem Biscoito de Gengibre fica com o grupo na casa de Shrek fazendo festa, só reaparecendo vendo TV,

quando ficam sabendo da prisão de Shrek e dos outros personagens que acompanham o herói.

O Homem Biscoito de Gengibre desce pela corda utilizada pelo Pinóquio e caminha pelo nariz aumentado do boneco de madeira, abrindo os cadeados que prendiam Shrek.

Shrek tem uma ideia para entrar no castelo e pergunta ao Homem Biscoito de Gengibre:

“Do you still know the muffin man?”⁷

O Homem Biscoito de Gengibre responde:

“Shure, he’s down on Drury Lane.”⁸ Repetindo aquela cantiga infantil citada no tópico do Muffin Man.

Eles vão até a padaria do Muffin Man e pedem para ele fazer um Homem Biscoito de Gengibre gigante, que os ajuda na invasão do castelo.

O Homem Biscoito de Gengibre gigante, depois de ajudar Shrek a entrar no castelo, cai na água do fosso, o que lhe é mortal. O Homem Biscoito de Gengibre pequeno salta no peito do gigante e está prestes a afundar junto com ele quando é salvo pelo Gato de Botas. Ele segue, então, junto com os outros companheiros, para a luta final.

Em muitas versões do conto *Gingerbread Man*, o Homem Biscoito de Gengibre só é capturado pela raposa porque encontra um rio e, naturalmente, por ser um biscoito, não pode atravessá-lo. No filme, o Homem Biscoito de Gengibre gigante cai no fosso e, assim, morre desmanchado na água.

Como personagem, no conto, o Homem Biscoito de Gengibre é um biscoito que ganha vida e que parece se divertir correndo. Corre de todos os que encontra, valorizando, na vida que ganha, o movimento mais do que qualquer outro aspecto. No filme, ele é apenas mais um dos aliados de Shrek.

O Homem Biscoito de Gengibre termina sua atuação no filme dançando com uma fadinha parecida com Sininho de *Peter Pan* ao som de “*Livin’ la vida loca*”.

⁷ Você ainda conhece o Muffin Man? (tradução nossa)

⁸ É claro, ele está na Drury Lane. (tradução nossa)

3.2.5 PINÓQUIO

Pinóquio, no filme, também faz parte do grupo que fica na casa de Shrek no início da ação, só reaparecendo quando Shrek é preso e participando das peripécias para libertá-lo e ajudá-lo durante o baile.

Para soltar Shrek, Pinóquio preso por cordões como uma marionete, salta no calabouço onde os amigos estão presos. Na queda se enrola nos cordões, ficando sem possibilidade de se movimentar, então, o Homem Biscoito de Gengibre salta sobre ele, mas para alcançar os cadeados que prendem Shrek, o nariz de Pinóquio tem de crescer.

Shrek pede a Pinóquio que conte uma mentira para que seu nariz cresça. O Burro sugere que ele diga que está usando uma calcinha e quando ele diz isso o nariz não cresce. Ele só aumenta quando nega que está usando a roupa íntima feminina. O Homem Biscoito de Gengibre puxa a calcinha, dizendo que é uma tanga, enquanto Pinóquio nega, dizendo ser uma sunga, e o nariz cresce mais. E assim conseguem soltar os companheiros presos.

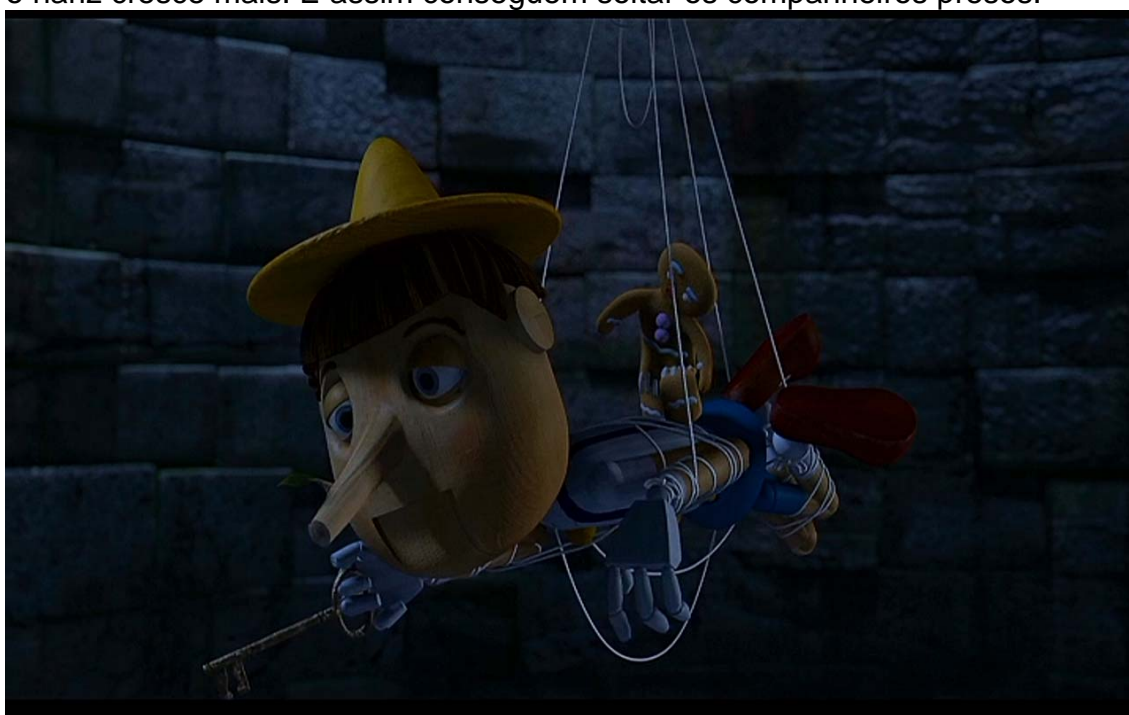


Fig. 15 – Pinóquio – imagem do filme *Shrek 2*, 2004

Com relação ao nariz de Pinóquio, que cresce com suas mentiras, o casal Corso explica:

No livro, a Fada explica ao boneco que existem dois tipos de mentira: as de pernas curtas e as de nariz comprido, as dele seriam do segundo tipo. As pernas curtas nunca alcançariam seu objetivo, e o nariz comprido denunciaria a farsa. [...]

Quase todas as mentiras de Pinocchio visavam a ocultar suas falhas, mas para isso bastaria dizer que elas têm pernas curtas, não tendo condições de impressionar o interlocutor. Porém, as mentiras de Pinocchio se denunciam, são descobertas pela ostentação daquele imenso nariz, que não passa sequer pela porta. Nesse aspecto, talvez poderíamos pensar numa metáfora peniana para o gigantesco nariz, no sentido do quanto a ereção do membro masculino não mente, revelando um desejo sexual que ele dificilmente poderá ocultar. De certa forma, boa parte das mentiras é de nariz comprido, porque elas seguidamente denotam algum desejo que não se realizou, mas que encontrou na enunciação da mentira uma representação possível. (CORSO, 2006, p.221)

Acredito que esse tipo de mentira, que denota algum desejo que não se realizou, é aquela mentira de quem gostaria de ser o que não é e quer aparentar sê-lo. Se as mentiras contadas por Pinóquio, no filme, se enquadram nesse tipo, o personagem do filme tem uma tendência homossexual – usa roupas de baixo femininas – mas seu desejo seria de não ter essa tendência – visto que mente dizendo não as usar.

No entanto, no filme *Shrek 2*, Pinóquio não conta mentiras por vontade própria, como na narrativa em que se origina, mas é instigado a contar mentiras somente para que seu nariz cresça e o Homem Biscoito de Gengibre consiga alcançar os cadeados que estão prendendo Shrek.

Pinóquio tem uma participação ativa no duelo final do filme, sendo lançado por Shrek, na tentativa de tirar a varinha mágica da Fada, que está voando. Pinóquio passa pela Fada, que lhe lança um feitiço com a varinha. Pinóquio imediatamente se transforma num menino de verdade – que era seu desejo no conto. Todavia, em meio à luta, novamente ele é atingido por um raio da varinha mágica e volta a ser um boneco de madeira.

No livro *As fadas no divã*, os Corso afirmam que:

Costuma-se dizer que 'errar é humano, insistir no erro é burrice'; os psicanalistas poderiam alterar a frase: 'é próprio do humano insistir nos mesmo erros'... O boneco é, nesse comportamento, mais humano impossível, então, desde sempre um menino de verdade. Provavelmente Pinocchio seria mesmo um boneco, caso se comportasse como uma marionete manipulável. (CORSO, 2006, p. 216)

Portanto, apesar de aparentar ser um boneco de madeira, Pinóquio tem mais características humanas do que muitos outros com aparência de humano. No entanto seu desejo maior é o de ter a aparência de um menino, o que acontece no conto, mas não é essa a aparência com que ele termina no filme *Shrek 2*.

A última aparição de Pinóquio no filme é durante a festa final, dançando “*Livin’ la vida loca*” ao melhor estilo Michael Jackson.

3.2.6 TRÊS PORQUINHOS

No filme *Shrek 2*, os Três Porquinhos também fazem parte do grupo que fica na casa, só reaparecendo quando da prisão de Shrek para auxiliá-lo na fuga e na luta final.

Fazendo alusão à história original, os Porquinhos aparecem cada um com um tipo de chapéu: o primeiro com um capacete de operário, lembrando o Porquinho que faz a casa de tijolos, o segundo com um boné, lembrando o que faz a casa de gravetos e o terceiro com um chapéu de palha, lembrando o que faz a casa desse material.

Quando eles veem a prisão de Shrek no noticiário, posicionam-se como os macacos sábios do folclore Japonês (Mizaru, Kikazaru e Iwazaru), lembrando que se os homens não olhassem, não ouvissem e não falassem mal dos outros, teríamos mais paz e harmonia.



Fig. 16 – Os Três Porquinhos – imagem do filme *Shrek 2* – 2004.

No salvamento de Shrek, os Três Porquinhos seguram a corda na qual Pinóquio está amarrado e pela qual desce o Homem Biscoito de Gengibre para abrir os cadeados que prendem o amigo, enquanto toca a música do filme *Missão Impossível*.

Na luta final contra a Fada, os Porquinhos também têm papel fundamental, dois deles arremessam o terceiro em direção à Fada que está voando e este último se agarra nas pernas dela, impedindo outra ação. Em seguida, a Fada consegue se livrar do Porquinho, mas o Lobo assopra e derruba a varinha de condão, e quem a pega é um dos Três Porquinhos, atirando-a para o Burro. Mais adiante, aparecem dançando na festa de encerramento.

Maria Tatar, no livro *Contos de Fadas*, dá uma ideia da quantidade de versões dos Três Porquinhos, lembrando a versão de Walt Disney, de 1933:

Desde Disney, a história *Os Três Porquinhos* foi reescrita e reilustrada um sem-número de vezes. Mais de cinquenta versões inglesas estavam no prelo no ano 2000, algumas fiéis à versão de Jacobs, outras atualizadas e ambientadas em novos contextos culturais. Hoje podemos ler sobre porcos havaianos e seus conflitos com um tubarão, sobre porcos cajuns enfrentando um crocodilo, ou porcos apalaches levando a melhor sobre uma raposa. Podemos ter o ponto de vista do lobo, como em 'A verdadeira história dos três porquinhos' de Jon Scieszka e Lane Smith, que altera a história ao contá-la do ponto de vista privilegiado de A. Wolf (Alexander T. Wolf): esse amável camarada estava na verdade apenas indo de porta em porta tentando conseguir uma xícara de açúcar emprestada para fazer um bolo para a vovó. Os arquejos e espirros eram simplesmente sintomas de uma gripe brava. Os três porquinhos já se tornaram até pós-modernos, figurando em *Three Pigs* de David Wisner e em *Wait! No Paint!* De Bruce Whatley – variantes em que o trio tem consciência de que cada um não passa de um construto literário aprisionado num texto. (TATAR, 2004, p. 208)

No filme *Shrek 2*, os personagens dos contos de fadas parecem não estar aprisionados aos seus textos. Parecem, sim, atores que têm a sua história conhecida pelo grande público e que foram contratados para representar uma história de ficção, como se eles não fossem originários de histórias de ficção.

CONCLUSÃO

As clássicas histórias infantis revisitadas no filme *Shrek 2*, como a Literatura em geral, nos levam a imaginar modos de vida, soluções para nossos problemas existenciais, identificam tipos que conhecemos ou que nos parecem conhecidos; nelas nos identificamos com os personagens, com as situações vivenciadas, vibramos com eles, choramos, torcemos, rimos, vivemos.

Regina Zilberman, falando-nos sobre a Estética da Recepção, lembra o momento em que a obra se transforma em arte:

É o receptor que transforma a obra, até então mero artefato, em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela. Em outras palavras, a obra de arte é um signo, porque a significação é um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando recebida por uma consciência, a do sujeito estético. (ZILBERMAN, 1989, p.21)

É esse receptor, que podemos identificar como o leitor do conto, o espectador do filme, o ouvinte da narração, que irá concretizar a obra. É ele que será beneficiado com a ampliação do seu universo e com a possibilidade de constante evolução da humanidade.

Todorov, em seu livro "*A literatura em perigo*" apresenta uma reflexão em que podemos observar que histórias vão passando de voz em voz, de texto em texto, assim como os cantos dos galos na poesia "Tecendo a Manhã" apresentada no tópico "2 REFLEXÃO SOBRE CLÁSSICOS E SOBRE INTERTEXTUALIDADE" (p. 11-12 deste trabalho).

Mais densa e mais eloqüente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24)

Os contos de fadas, nascidos nas histórias contadas por nossos ancestrais em seus encontros em volta do fogo, são partes integrantes e

importantes dessa Literatura e perpetuam-se com novas leituras, novas versões, releituras. O filme *Shrek 2* trilha esse caminho, apresentando os personagens dos contos de fadas tradicionais atuando em ambientes modernos, disseminando-os às novas gerações, mantendo-os vivos e pulsantes.

Disseminados por diversas mídias – da ópera e do drama ao cinema e à publicidade -, os contos de fadas tornaram-se uma parte vital de nosso capital cultural. O que os mantém vivos e pulsando com vitalidade e variedade é exatamente o que mantém a vida vibrando: angústias, medos, desejos, romance, paixão e amor. Como nossos ancestrais, que ouviam essas histórias ao pé do fogo, em tabernas e quartos de fiar, continuamos a ficar petrificados por histórias sobre madrastas malvadas, bichos-papões sanguinários, irmãos rivais e fadas madrinhas. Para nós, também, as histórias são irresistíveis, pois oferecem oportunidades para falar, debater, deliberar, tagarelar e conversar fiado interminavelmente, como faziam as velhas comadres de quem, ao que se diz, essas histórias vieram. E a partir do emaranhado dessa conversa e tagarelice, começamos a definir nossos próprios valores, desejos, apetites e aspirações, criando identidades que nos permitirão produzir finais para sempre felizes para nós e para nossos filhos. (TATAR, 2004, p. 15)

Repletos de vida, os personagens de ficção tomam forma quando tomamos contato com eles, identificamo-nos com eles, vivemos com eles. É graças aos nossos sentimentos: “angústias, medos, desejos, romance, paixão e amor” (TATAR, 2004, p. 15) que esses personagens se perpetuam. É assim, em especial, com os personagens das histórias infantis clássicas e é assim com os personagens dessas histórias revisitadas em *Shrek 2*.

Com tudo isso, continuamos na busca de nosso “felizes para sempre”, ao mesmo tempo em que procuramos deixar esse legado aos nossos descendentes.

LISTA DE FIGURAS

Figuras da Capa – Ilustração de “Contos da Mamãe Gansa”, por Paul Gustave Doré (1832-1883) e imagem do Filme <i>Shrek 2</i>	CAPA
Figura 1 – O Gato de Botas – ilustração de Paul Gustave Doré (1832-1883) ..	16
Figura 2 – Chapeuzinho Vermelho – ilustração de Paul Gustave Doré (1832-1883)	17
Figura 3 – O Rei Sapo – ilustração de Walter Crane (1845-1915)	19
Figura 4 – Capa do livro “The Gingerbread Man”, de Whitman Giant – 1963...21	
Figura 5 – Capa da primeira edição de Pinóquio – ilustração de Enrico Mazzanti (1850-1910)	23
Figura 6 – Primeiro Porquinho – ilustração de Arthur Rackham (1867-1939)...25	
Figura 7 – Segundo Porquinho - ilustração de Arthur Rackham (1867-1939) ..25	
Figura 8 – Terceiro Porquinho - ilustração de Arthur Rackham (1867-1939) ...26	
Figura 9 – Três Ratos Cegos – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	27
Figura 10 – Muffin Man – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	28
Figura 11 – Gato de Botas – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	30
Figura 12 – Lobo – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	32
Figura 13 – Rei Sapo – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	34
Figura 14 – Homem Biscoito de Gengibre – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	37
Figura 15 – Pinóquio – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	39
Figura 16 – Três Porquinho – imagem do filme <i>Shrek 2</i>	41

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Renata Degani de Souza. Shrek - O Filme, análise fundamentada na estética da recepção. Artigo disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/P%C3%A1gina_principal
- BORGES, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BUGLIONI, Federica. Pinocchio. Disponível em <http://www.deagostiniedicola.it/ARTICOLI/collezionismo/pinocchioedizioni/>
Acesso entre abril e julho de 2010.
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 1999.
- COLLODI, Carlo. As aventuras de Pinóquio. Tradução de Marina Colasanti. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- HEINER, Heidi Anne. The Annotated Gingerbread, 2004. Disponível em <http://www.surlalunefairytales.com/gingerbread/> . Acesso entre abril e julho de 2010.
- JOKURA, Tiago; BELGA, Eduardo; BORGES, Bernardo e HENRIQUES JR., Lauro; “A origem sangrenta dos contos de fadas”. Revista Mundo Estranho, Editora Abril. Abril de 2010.
- MELO NETO, João Cabral. A educação pela pedra e depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PADUA, Heather. The story of the Gingerbread Man. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=tnAgA1aZGkY&feature=related>. Acesso entre abril e julho de 2010.

SILVA, Edvânea Maria da. SHREK, do conto ao filme: um “reino” não tão distante. (Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba). João Pessoa, 2007. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/>.

TATAR, Maria. “Contos de Fadas – Edição comentada & ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004”)

TODOROV, Tzvetan. A Literatura em perigo. Ed. Difel, 2009.

VOGLER, Christopher. A Jornada do Escritor. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

WIKIPEDIA. Charles Perrault. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Perrault. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. Gustave Doré. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Dor%C3%A9. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. Irmãos Grimm. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. The Gingerbread Boy. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/The_Gingerbread_Boy. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. The Muffin Man. Disponível em

http://en.wikipedia.org/wiki/The_Muffin_Man. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. Three Blind Mice. Disponível em

http://en.wikipedia.org/wiki/Three_Blind_Mice. Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. Três Macacos Sábios. Disponível em

http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs_Macacos_S%C3%A1bios Acesso entre abril e julho de 2010.

WIKIPEDIA. Walter Crane. Disponível em

http://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_Crane. Acesso entre abril e julho de 2010.

ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Editora Ática S. A., 1989.